

Ensaio reconstitui época de ouro da comédia italiana através de um de seus clássicos

Filme de Monicelli é analisado em dissertação

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

“Branca, Branca, Branca, Leon, Leon, Leon” é o grito de guerra dos quatro amigos que vão tomar posse do feudo de Aurocastro, sob a liderança de Brancaleone, o personagem interpretado por Vittorio Gassman em *O Incrível Exército de Brancaleone*, de Mario Monicelli. O filme, produzido num momento em que a *commedia all'italiana* atingiu seu ápice, foi objeto de análise na dissertação de mestrado do professor João André Brito Garboggini.

Heróis medievais são desmistificados

“A proposta foi realizar uma análise da estrutura da narrativa fílmica, a partir do longa-metragem de 1965”, explicou Garboggini.

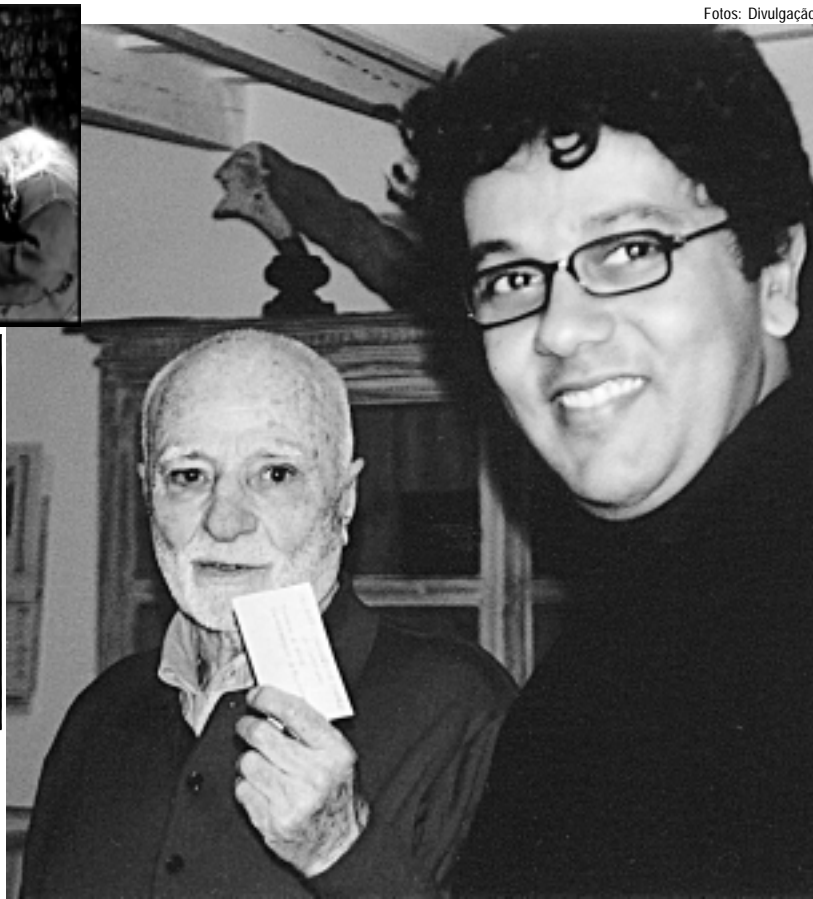
O pesquisador, cuja tese foi orientada pela professora Iara Lis e defendida no Instituto de Artes, estudou a relação do filme com o gênero cômico cinematográfico italiano e também com relação à reconstituição histórica a que o filme se propõe.

Monicelli, segundo o autor da dissertação, conheceu a *commedia all'italiana* na década de 1930, quando a crítica ainda era resistente à ingenuidade do gênero. Mas *O Incrível Exército de Brancaleone* (1965) foi produzido num momento em que o gênero atingiu alto nível de perfeição e em que os trabalhos não se configuravam como comédia de evasão. O objetivo era a sátira política, a contestação ideológica. Em entrevista ao pesquisador, o cineasta italiano revelou que a história frustrada da *armata* de Brancaleone contém aspectos de sua própria vida. A crítica é feita a líderes que investem tanto numa causa e têm suas investidas frustradas. Brancaleone, espécie de um Dom Quixote malvestido, é um desses líderes atrapalhados, cujo exército não consegue atingir seu objetivo. “Ele expressa sua própria desilusão com a esquer-



Cenas de *O Incrível Exército de Brancaleone*: cineasta “ri de si mesmo”

O cineasta Mario Monicelli (à esquerda) foi entrevistado pelo professor João André Brito Garboggini: cinema autoral



Fotos: Divulgação

da, na época em que militava no Partido Socialista Italiano”, explica Garboggini.

Na entrevista, o diretor admitiu criticar Mussolini e “qualquer outro exército atrapalhado”. Foram subordinados também à sua crítica líderes totalitários, fascistas e gerais. “Ri de si mesmo”, em sua própria comédia. Até os grevistas se deram mal no longa *Os Companheiros*, de 1963, que conta a história de uma greve ocorrida em Turim, no século 19. De acordo com o professor, o pai de Monicelli participou do movimento sindicalista. “Ele sempre mostra pessoas idealistas que nunca conseguem atingir seus objetivos.”

A equipe de roteiristas do filme, formada por Mario Monicelli, Suso

Cecchi Amico, Age e Scarpelli, não teve o objetivo de passar uma visão fiel da Idade Média, mas simplesmente referir-se indiretamente a momentos políticos e difíceis de uma Itália governada por Mussolini. “Mas acabou sendo mais fiel ao período medieval do que outros filmes que se propuseram a isso”, garante o pesquisador, fã declarado de filmes de cavalaria.

Os heróis da Idade Média, consagrados em outras produções, são desmistificados por meio da leitura cômica que Monicelli fez em *O Incrível Exército de Brancaleone*. Ao contrário do que normalmente se vê em roteiros sobre temas medievais, o cineasta italiano transformou heróis, duelos de lança, cortes luxuosas e damas em fome, pobres,

ignorantes, ferocidade, miséria, fome, chuva e frio.

Entre o lírico, o drama e a ironia, Monicelli conquistou um estilo próprio. O tom irônico dado a situações dramáticas dos personagens marcou a linguagem dos filmes do cineasta. A análise de outros títulos do diretor levou o pesquisador à conclusão de que ele tinha muito interesse em exprimir a dificuldade da luta pela sobrevivência, que, apesar de muitas vezes levar ao riso, conseguia despertar a consciência crítica das pessoas. “É um riso que ameniza a realidade do drama. Ele mostra pessoas de classes inferiores, mas imprime às cenas uma comicidade irônica, sarcástica.” Para Garboggini, o diretor buscou uma forma de fazer drama com um toque de humor.

Parente é serpente, outro filme de Monicelli, caracteriza bem esse estilo, pois o autor mostra a relação de pais e filhos e, no final do filme, os filhos explodem a moradia dos pais para matá-los. A narrativa desse filme é desenvolvida de forma cômica, que causa riso, no entanto, no final do filme, o riso é provocado como constrangimento de uma situação desastrosa. “É desse riso estranho que falo.”

Algumas produções da década desapareceram com o tempo. De acordo com o professor, a filmografia italiana nem se compara com o *glamour* da década de 1960. Mas Monicelli conseguiu uma projeção diferenciada, que virou o século e acompanhou as tendências da história da cinematografia. Produz em escala menor, mas continua trabalhando. *Brancaleone* foi lançado em DVD há dois anos.

Consagração – Mario Monicelli é um dos mestres e, principalmente, um dos sobreviventes do cinema italiano, que, entre 1975 e 1976 começou a se dissolver. Aos 84 anos, com uma filmografia de mais de 50 títulos, é um nome forte na indústria cinematográfica. “Além de ser muito procurado, já pode ser considerado um patrimônio da história do cinema italiano”, informa o professor João André Garboggini. Em 2003, foi convidado a presidir o júri do 60.º Festival de Veneza, no qual ele já foi contemplado com o filme *A Grande Guerra*, de 1959.

Atualmente, o criador dedica-se à produção de documentários. Em um deles, faz uma crítica à globalização. Entre os últimos trabalhos está um segundo documentário sobre o Fórum Econômico de Gênova. No roteiro, uma manifestação de rua contra o evento.

Formado em artes cênicas pela Unicamp e em Publicidade e Propaganda pela PUC-Campinas, Garboggini é professor de estética e publicidade e ministra disciplinas audiovisuais na PUC-Campinas.

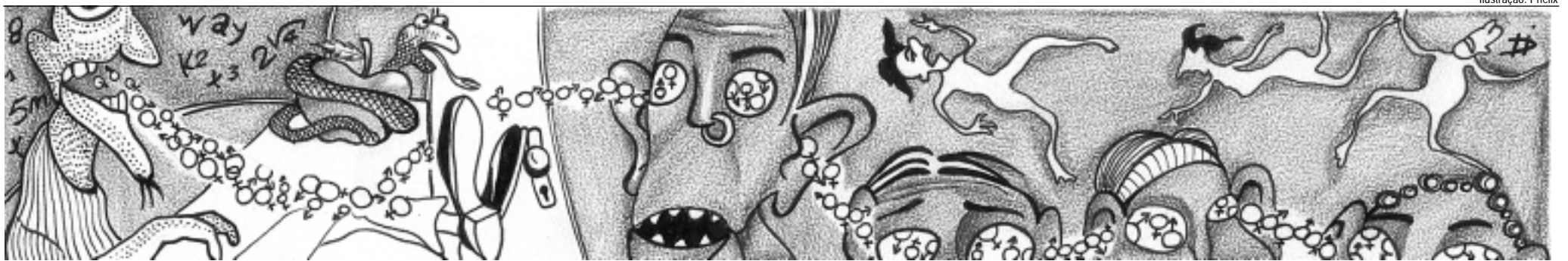


Ilustração: Phelix

Tese aponta equívocos da educação sexual em escolas

Depois de investigar 65 produções brasileiras, entre dissertações e teses de pós-graduação, que tratam da educação sexual no espaço escolar, a psicodramatista Regina Célia Pinheiro da Silva constatou que grande parte dos profissionais incumbidos de dar orientação sexual estão despreparados e apresentam dificuldades tanto por questões pessoais quanto pela falta de informações sobre o tema. Os 65 trabalhos foram objetos de estudo para a dissertação de mestrado “Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola”, sob orientação do professor Jorge Megid Neto.

Despreparo é um dos problemas levantados

Os trabalhos identificados por Regina relatam uma abordagem da sexualidade, por parte dos educadores, ainda em nível do senso comum atrelado ao sexo orgânico, perpetuando valores, conceitos e preconceitos. As produções que investigaram as posturas e as práticas pedagógicas, segundo a pes-

quisadora, afirmam que, ao abordar o assunto, professores/educadores tomam por base seus próprios valores, com condutas discriminatórias e posturas pouco reflexivas. “Foram verificadas atitudes retrógradas, controladoras e repressivas em relação à sexualidade. Cabe ressaltar que na minha pesquisa incluí, como educadores, profissionais da área de saúde que lidam com educação sexual no espaço escolar, ou na educação superior ou no ensino médio preparados para esta abordagem.”

A omissão também não é o melhor caminho, na opinião da pesquisadora. “Mesmo quando os professores se omitem, negando-se a abordar a educação sexual na escola, o fazem pelo não-dito.” Ela observou que quando as informações chegam aos alunos, a educação sexual é passada, geralmente, por meio de conteúdos ligados ao corpo humano, em que apenas os aspectos biológicos são enfocados. Ficam de fora, afirma, as dimensões ligadas aos aspectos socioculturais e políticos. Esta forma de abordagem leva à reprodução de conceitos e

valores já estabelecidos pela sociedade e assumidos pelo professor como verdades absolutas. Tratar a educação sexual desta maneira, acredita, ainda que não implique grandes repressões, não contribuirá para fazer dos alunos adultos mais conscientes e felizes.

A orientação baseada simplesmente em fundamentos biológicos também não atende a necessidade e a curiosidade dos alunos e se atém apenas ao aspecto informativo. Especialista em saúde pública, a pesquisadora considera esta visão reducionista e simplificador sobre a sexualidade. “Além disso, está muito associada ao enfoque higienista que reforça a prevenção a doenças como DST/Aids e gravidez na adolescência, muitas vezes por meio de abordagens que geram medo e levam ao descrédito dos adolescentes, como se a educação sexual se referisse apenas a isto”, argumenta.

Regina enfatiza que os alunos têm direito de conhecer tudo o que está relacionado à sexualidade humana, inclusive a questão de gênero, o direito ao prazer, as formas de

discriminação impostas pelo sexo, o planejamento familiar. “São questões como estas que repercutem diretamente no direito à cidadania.”

Ainda é preciso sensibilizar alguns educadores para a abordagem da educação sexual, mas, pelo que a autora da dissertação pôde observar nos relatos das produções, vários professores se encontram dispostos a ultrapassar seus limites, suas dificuldades e falta de preparo. Regina acredita que a colaboração da mídia na divulgação de experiências e pesquisas na área seria muito importante para a desmistificação do trabalho.

Algumas iniciativas, segundo a pesquisadora, podem ser tomadas para tornar a orientação sexual mais eficiente nas escolas. “Hoje, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) já possibilitam a abordagem da educação sexual nas escolas, mas não existem políticas públicas que a garantam”. As pesquisas também mostram que o processo reflexivo para formação dos profissionais tem que ser coletivo e contínuo de forma a possibilitar

a construção de vínculos, a abertura e o resgate do diálogo em relação ao tema, e o trabalho com as situações cotidianas vividas no contexto escolar, o que, além de tudo, com certeza irá contribuir com a revisão do papel do professor/educador e a recuperação da sua autoestima.

Em relação à formação inicial, Regina diz que é fundamental que na educação superior as faculdades e as universidades assumam a responsabilidade pela inclusão da educação sexual nos cursos em que os profissionais estão mais diretamente envolvidos com tal abordagem: pedagogia, medicina, enfermagem, psicologia, serviço social, biologia. Para isso, é necessário que seja garantido aos professores da educação superior o espaço para formação continuada. E a inclusão também no ensino médio, nos cursos de habilitação ao magistério e cursos técnicos da área da saúde, já que a realidade mostra que estes últimos, quando profissionais, poderão abordar o tema nas escolas e também deverão ser preparados. (M.A.C.)